



Leandro Figueiredo

## **Economia a-significante como figura potencializadora do trabalho com arquivos**

**Luiz Henrique Carvalho Penido**

*Mestrando em Estudos Literários, FALE/UFMG. Pesquisador do Acervo de Escritores Mineiros.*

### **Resumo**

Em uma era na qual os acervos documentais se distendem para além de seus limites físicos e são potencializados pelos complexos de virtualização, qual é o futuro reservado aos arquivos literários e quais são suas implicações para a teoria e a prática literárias? São essas as perguntas que este artigo tenta responder através de um exercício de imaginação teórica que tem no conceito de economia a-significante, criado por

Guattari, seu enfoque e o horizonte para o qual caminha a prática literária atual e seus novos "suportes móveis" como as redes informacionais.

**Palavras-chave:** arquivos, virtualização, hipertexto.

Meu intuito com este texto é o de fazer alguns apontamentos teóricos realizados de modo mais ou menos generalizante sobre um sem número de tendências ou de problemas com que se debate a pesquisa em arquivos literários na atualidade.

A primeira constatação é de uma abertura sistemática do horizonte documental. Os arquivos hoje passam a comportar, cada vez mais, objetos heteróclitos; eles são atravessados por uma urgente multiplicidade substancial que dispõe todo tipo de material em confronto. Tal constatação coloca em questão os próprios limites de um acervo documental. Quais dentre esses objetos gozariam de um estatuto ontológico reconhecível dentro da entidade abstrata maior que é o Arquivo? As respostas a essa questão não são simples, e vários textos atestam a anarquia material do arquivo, pois, de um lado, a obra literária, quando acabada, apaga os rastros de sua *performance* material e temporal, dos seus labirintos de escrita, para desenhar os limites da execução de uma palavra de ordem: "eis o livro". Por outro lado, o arquivo restitui essa *performance* fragmentária no tempo e no espaço que antecede o livro, que, de certo modo, é apenas uma atualização institucional em meio a um sem número de escolhas possíveis. Desse modo, o livro, como *telos*, pertence ao arquivo ao mesmo tempo em que seu estatuto só é assegurado pela expulsão dessa gênese dinâmica de objetos esparsos e distintos; ele, o livro, é um objeto parcial que se unifica não se expondo a uma comparação, a uma diferenciação com o arquivo que seria, em certo sentido, o seu risco. Mais do que isso, pela própria condição heteróclita do arquivo - essa anarquia material que temos mencionado - o livro também expulsa um universo ainda maior de objetos também parciais, mas não constituídos pelo mesmo labor-palavra que atesta o livro, em suma, objetos não-lingüísticos, não constituídos por um aparato lingüístico.

Poderíamos nos perguntar, apenas para exemplificar, como se dão as relações entre uma coleção de músicas, certa espacialidade ambiente, como a arquitetura da casa na qual se escreve, um conjunto heterogêneo de *souvenirs*, um caderno de desenhos, os quadros e sua disposição, enfim, todo esse universo *a-significante* (remeto sem dúvida àquilo que Guattari afirma ser um complexo de dimensões semiológicas que produz e veicula informações que escapam às axiomáticas lingüísticas(1)) antecedente ao livro, mas o pressupondo, ainda que funcionando

paralelamente a ele. Meu intento, fique claro, não é criar uma metamodelização capaz de abarcar a heterogeneidade dos objetos em questão - tal projeto ultrapassa os limites destas notas - mas apenas apontar, dentre eles, um objeto privilegiado na sua relação com o livro na atualidade e que está ligado indelevelmente ao futuro dos arquivos: o computador, sua potência de virtualização e atualização textual-imagética, uma vez que sua incorporação na gênese do livro é mais do que a de um suporte de escrita. Primeiramente, devo mostrar porque o computador não se resume a um suporte de escrita, depois, quais são as conseqüências dessa mudança.

Para tanto, valho-me do conceito de *dispositivo* de Foucault(2). Em traços gerais, o dispositivo é ao mesmo tempo um utensílio técnico, os modos de apropriação desse utensílio e as práticas culturais a que dá lugar. Um dispositivo é, assim, um nó onde se encontram e se bifurcam potencialidades e práticas distintas pelas quais um determinado "modo de ser", certa subjetividade, é atualizado no processo. O computador é tal dispositivo. Seu uso não responde a um meio mais prático ou sofisticado de escrita, mas é a própria forma de escrita assim como todo o complexo subjetivo que comporta e é modificado por seu trabalho. Diz Guattari: "as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes"(3). A criação literária que adere ao novo meio não pode, assim, sair incólume desse embate, sendo ela também modificada pelos "suportes" que lhe dão territorialidade, como se na relação papel/caneta, substituída pela interface em informática e pelos nós em rede, o processo de gênese fosse de tal modo colocado em rotação que ele próprio se voltaria para aquele que o coloca em movimento numa constante e inconciliável transição, como um *jogo de anel*, digamos. É claro que o computador pode ainda ser usado como um simples suporte para a escrita nos moldes tradicionais, mas esse parece não ser o seu destino único, se atentarmos para o modo como ele opera a virtualização da escrita.

Em primeiro lugar, a virtualização do texto inaugura uma nova inteligibilidade textual. A criação de textos no âmbito dos sistemas informáticos, mais particularmente os textos que são colocados em rede - não se deve ignorar o fato de que grande parte da produção textual de autores desconhecidos e mesmo dos conhecidos se localiza nas redes informacionais - requerem uma nova atenção a seu estatuto. A hipertextualização faz do texto um objeto movente em que cada palavra é uma abertura apenas inicial a um universo potencialmente infinito de textos. O hipertexto é vazado, atravessado, faz e refaz conexões o tempo todo. Se ele próprio mantém sua instantaneidade de atualização, sob ele refluí um ciberespaço em movimento ininterrupto. Por

conseqüência, cada texto se transforma em uma matriz de textos potenciais, se distende para além de um limite material, como a página, e se torna infinito. Uma vez que a pesquisa em Arquivos Literários não pode se desvencilhar desse âmbito da criação textual, ela é confrontada com o estatuto de um texto movente e os des-limites que ele coloca em questão.

Podemos, por exemplo, imaginar um escritor que tem na rede a sua prática. O *dispositivo rede* vai, sem dúvida, fazer rebater sua economia sobre a prática criativa de maneira bem diferente dos suportes tradicionais. Pois, se em um livro a virtualização é constantemente domesticada por um conjunto de referências inequívocas nos seus elementos paratextuais - notas de pé de página, biografias e bibliografias, fotos -, do mesmo modo, o próprio objeto-livro constrói o território referencial em que deve se determinar seu universo a-significante, que são suas marcas concretas, sua corporeidade, como sua paginação ou sua aparência exterior. Assim, o limite material domestica a virtualização textual e um e outro se coordenam na construção de linhas de contenção. Contrariamente, a hipertextualização oferece o texto a um universo selvagem; aquele que o escreve intervém apenas pontualmente: é um ponto no conjunto de uma rede que escapa a seu ato criativo iniciático, mas que também faz esse texto iniciático infinitamente reconstruído pela rede que o sustém. Do mesmo modo que uma nova obra literária faz deslocar toda a literatura, ao mesmo tempo em que a literatura a desloca para contê-la no modelo da tradição de Eliot, a intervenção textual em rede opera um movimento semelhante, no entanto mais imediato e dotado de uma transitividade radical.

Pensemos então: a virtualização da *performance* criativa textual, através das redes informacionais, não operaria do mesmo modo uma virtualização dos arquivos, não apenas literários? Não farão devir com a virtualização a própria base material e textual, no âmbito dos arquivos futuros? O estabelecimento de uma base de dados em rede que comporte uma determinada forma de apreensão de objetos e textos concretos, que de outro modo seriam inacessíveis, não muda também o estatuto dos arquivos? Não desejo responder sistematicamente a essas perguntas, mas quero apontar esse novo complexo problemático do arquivo, ainda em transição. O arquivo que aí se coloca faz devir com essa virtualização e corre o risco de ter seu estatuto completamente modificado na medida em que, pela potência dos nós de rede, não pode mais conter-se nos limites de uma base material e faz constantemente um movimento de distensão e reconfiguração. O pesquisador, pela leitura minuciosa dos arquivos, cria as redes mentais em que vai sobrescrever seu trabalho; ele precisa vazar os textos entre si e criar um determinado imaginário que coordene a interpretação. As redes informacionais, por seu lado, oferecem

um modelo em rede atravessado pela precariedade: se a leitura opera a virtualização do texto, como diz Pierre Lévy(4) , as redes trazem para sua própria forma de estruturação o movimento da leitura, mas enquanto universo selvagem e sempre por vir.

Em segundo lugar, outra questão urgente é levantada por esse escritor hipotético que tem nas redes informacionais a sua prática: a questão da assinatura. Os arquivos digitais substituem a modelagem, inscrição óptica ou plástica dos corpos, a sulcagem do papel, e a assinatura que o institucionaliza, por sistemas lógicos, como síntese dos objetos digitais ou forma de tratamento desses objetos. Assim, a virtualização está intimamente ligada à problemática da assinatura na medida em que a estabilidade conferida pelas inscrições materiais é destituída e superada por sistemas informacionais que a dispersam e descentralizam, em primeiro lugar, pela cisão do corpo-que-inscreve com o corpo inscrito que nada mais é do que um complexo de concatenações lógicas, e depois, com sua desmaterialização, operada pelas redes informacionais.

Levantam-se assim outras questões. O arquivo material que, nessa transição para os sistemas informacionais, é destituído de marcas autorais que o comprovem - a assinatura, a letra, a caligrafia - não faz recair sobre si uma virtualização das entidades autorais no limite do seu desfacelamento? Se a *performatividade* criativa atestada pelo arquivo em seus vários trajetos é tornada coesa em toda a sua fragmentariedade pela permanência de certos traços que atestem uma origem comum, com que novas entidades mutantes o pesquisador deverá se colocar quando a coesão material é substituída pela dispersão autoral, pelo anonimato? Sem dúvida, as redes informacionais são o espaço da disseminação dos simulacros, basta que um único texto entre no processo da rede para que se perca imediatamente o movimento que opere sua inclusão e, com isso, o corpo, a assinatura, estão irremediavelmente perdidos. O devir dos arquivos materiais com os arquivos digitais traz consigo, desse modo, uma inconsistência ontológica básica para a qual o pesquisador de arquivos deve estar atento. Em crítica literária, diz-se que os leitores operam essa virtualização do texto, porque a leitura dispersa e reorganiza os elementos textuais segundo novos modelos subjetivos. Já nos sistemas em rede é o próprio modelo subjetivo que poderia coordenar a leitura que se vê em jogo, porque sua inclusão é sua perda. Todo texto é sempre outro, todo autor é sempre outro, a autoria é arrastada juntamente com a textualidade e a textualidade não se nomeia, ela se põe em movimento.

É nesse sentido que chamei de "economia a-significante" estes apontamentos. Meu primeiro apontamento desejou mostrar a

economia a-significante ainda pouco explorada daquelas relações entre as *palavras* e as *coisas*, para vir desembocar no momento em que as próprias coisas são virtualizadas por um sistema a-significante representado pelas redes informacionais. Os sistemas informacionais fazem intervir sistemas não-lingüísticos que, no entanto, constroem constantemente novas formas de semiotização. Assim, o arquivo digital hipertextualizado modifica o estatuto dos arquivos materiais das mais variadas formas e com uma radicalidade própria: anônimos, virtuais, sem limites previamente fixados, revertendo constantemente no espaço de um nó toda a rede, disseminadores. É a própria estrutura de rede, suas concatenações lógicas, que opera essa disseminação, semelhante à leitura como a pensa Lévy, mas operada por sistemas a-significantes, lógicos, que escapam à circunscrição qualitativa que a atribuição do poder de uma significância poderia fazer. E é exatamente essa estrutura que rebate no processo de escrita e cria novas formas de produção textual, novas potencialidades das quais vimos apenas uma mínima parte. Dissemos no início que a forma livro expulsa o espaço de sua gênese para se constituir; contrariamente, os arquivos digitais restituem o processo como *marco* de sua própria prática.

Confrontando os arquivos digitais e os pesquisadores de arquivos segundo os apontamentos de uma economia a-significante, tentei brevemente traçar um apanhado de perguntas que, por sua urgência e pelo caráter não transitório e cada vez mais preponderante do trabalho com o computador e seus genéricos, revela sempre mais sua relevância. Uma metamodelização não-totalizante dos arquivos, que inclua economias significantes e a-significantes, é o futuro para o qual este texto gostaria de apontar.

#### **Abstract**

In an age in which documental collections extend beyond their physical limits and are potentiated by the virtualization complexes, what future awaits the literary archives and what are its implications to the literary theory and practice? Those are the questions that this article tries to answer through an exercise of theoretic imagination that has in the concept of a-signifying economy created by Guattari its center of approach and the horizon towards which the current literary practice and its new "mobile supports", such as the informational networks, indelibly walk.

**Key-words:** archives, virtualization, hypertext.

#### **Notas**

- [1] GUATTARI, 2006.
- [2] DELEUZE, 1997.

[3] GUATTARI, 2006. p. 30.

[4] LÉVY, 2000.

-----

### Referências bibliográficas

BALIBAR, E., DREYFUS, H., DELEUZE, G. et al. *Michel Foucault*. Filósofo. Barcelona: Gedisa, 1999.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1, v. 2, v. 3 v. 4 e v. 5.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 2000.